

# O ANTI-INTELLECTUALISMO NAS ORIGENS DO PENTECOSTALISMO NORTE-AMERICANO

The anti-intellectualism at the origins of the North-American Pentecostalism

José Ozean Gomes<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo visa discorrer sobre a presença de uma postura anti-intelectualista nas origens do pentecostalismo norte-americano. Este movimento, desde os seus antecedentes históricos, apresentou certa objeção à formação teológico-pastoral. Os séculos que antecederam o pentecostalismo foram marcados pela explosão de movimentos que reagiram às inadequações das religiões instituídas, principalmente, com respeito aos menos favorecidos. Essa postura decorreu-se do processo de burocratização do protestantismo, que ao assimilar um dogmatismo rígido, tornou-se, de certo modo, incapaz de responder certas demandas e inquietações.

**Palavras-chave:** pentecostalismo; educação teológica; avivalismos; protestantismo.

## ABSTRACT

This article aims to discuss the presence of an anti-intellectualist posture in the origins of American Pentecostalism. This movement, from its historical antecedents, presented some objection to the theological-pastoral formation. The centuries that preceded Pentecostalism were marked by the explosion of movements that reacted to the inadequacies of the

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão Escola e Coordenação Pedagógica pela Universidade Gama Filho (UGF). Pesquisador do tema: Educação Teológica no Pentecostalismo Brasileiro. Coordenador Pedagógico do Seminário Teológico das Assembleias de Deus no Ceará. E-mail: ozeangomes@hotmail.com.

established religions, especially in respect to the less fortunate. This attitude resulted from the process of Protestantism's bureaucratization, which, when assimilated to a rigid dogmatism, somehow became unable to answer certain demands and concerns.

**Keywords:** pentecostalism; theological education; revivalism; protestantism.

## INTRODUÇÃO

O pentecostalismo, na sua origem, não teve de imediato um programa de educação teológica formal que priorizasse a formação intelectual dos seus participantes. As razões que justificam tal postura talvez sejam encontradas na própria composição do movimento, sua estrutura e no contexto em que ele foi gerado.

Mendonça<sup>2</sup>, ao falar do fenômeno pentecostal, propõe dois elementos fundamentais para compreensão do seu surgimento: primeiro é o estado geral de desesperança e desencanto que marca as igrejas norte-americanas no final do século 19. O autor lembra que na história do cristianismo sempre que houve negligência no cuidado para com os pobres, desvalidos e marginalizados, gera-se nas periferias das igrejas, um movimento de recuperação do Espírito. O segundo elemento, são as condições sociais dos atores que iniciaram o movimento pentecostal: negros, mulheres e estrangeiros. Essas eram pessoas vítimas do desajuste social da época.

O fato de o pentecostalismo representar uma iniciativa de recuperação do Espírito, portanto, ser um movimento carismático (sentido weberiano); e ter em sua composição, pessoas socialmente excluídas, expressou-se naquele momento como negação das estruturas dominantes.

---

<sup>2</sup> MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. (Org.) CAMPOS, Leonildo Silveira. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p.133-135.

Isso incluía a rejeição do modelo de educação vigente que mais legitimava o estado em que a igreja se encontrava, do que o confrontava.

Richard Hofstadter<sup>3</sup> ao tratar dessa discussão que relaciona uma postura “anti-intelectualista” com uma realidade de desajuste e exclusão social, destaca no seu trabalho um tópico denominado, “A religião do coração”. Para Hofstadter, o sentimento de rejeição a erudição acadêmica não pode ser visto como herança do pragmatismo americano, associado ao século 20. Na verdade, remonta-se a própria formação do Novo Mundo. Segundo o autor:

A América, que atraiu em seus primeiros dias tantos dos ofendidos e deserdados da Europa, transformou-se na pátria ideal para os adeptos daquilo que seus críticos chamavam de “entusiasmo”. O impulso fundamental do entusiasmo era o sentimento de acesso pessoal a Deus. Os entusiastas não dispensaram de modo geral, as crenças teológicas ou os sacramentos, mas procurando, acima de tudo, a certeza profunda da comunhão com Deus, sentiam pouca necessidade de expressão litúrgica ou de fundamentação intelectual para a convicção religiosa (Hofstadter, 1967, p. 71).

Sendo assim, esse artigo abordará as raízes do anti-intelectualismo pentecostal, tomando como partida, a própria origem dos Estados Unidos, passando pelas ondas avivalistas e os primeiros líderes pentecostais, especialmente, William Seymour e Charles Parham.

## 1 O PRIMEIRO GRANDE DESPERTAMENTO NORTE-AMERICANO

A realidade norte-americana dos séculos que antecederam ao movimento pentecostal foi marcada por fenômenos de impactos sociais e re-

---

<sup>3</sup> HOFSTADTER, Richard. *Antiintelectualismo nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

ligiosos, e contribuiu, de certo modo, com uma postura anti-intelectualista. Nos séculos 18 e 19 ocorreram as chamadas, “ondas avivalistas”. A primeira onda, conhecida como o “Grande Despertar” surgiu na metade do século 18 em Northampton e teve como efeito uma revitalização religiosa no contexto norte-americano. De acordo com Hofstadter (1967, p.80), “o Despertar americano foi uma contrapartida de transformação religiosa similares, ocorridas na Europa, notadamente a ascensão do pietismo germânico, e do metodismo inglês”.

A marca peculiar do revivalismo foi o protagonismo exercido pelos leigos, que em razão da segregação e ineficiência do clero, assumiram o papel principal das ações e dinâmica religiosa. Nas décadas de 1730 e 1740, as igrejas abastardas e altamente intelectualizadas em suas tradições perderam o poder de conquistar as pessoas simples. Hofstadter citando Chauncy, um líder do clero de Boston e oponente dos pregadores revivalistas, mostra o quanto estes eram discriminados por serem leigos e iletrados.

Homens de tôdas as ocupações que são bastante presunçosos para se julgarem capacitados a ser Mestres dos outros; homens que, sem nenhuma Instrução e pouca capacidade, mesmo assim imaginam aptos, e sem que precisem Estudar, a pregar como proveito espiritual para os que estejam dispostos a ouvi-los <sup>4</sup>

Na visão de Chauncy, os referidos pregadores reviviam um erro dos tempos antigos cometidos por heréticos e pregadores populares que “sustentavam que não havia necessidade de Instrução para pregar, e que qualquer dentre eles poderia, através ESPÍRITO, agir melhor do que o Ministro através de sua Instrução; como se o ESPÍRITO e a Instrução fôssem opostos um ao outro”. De acordo com Hofstadter (1967, p.87),

Para um intérprete da religião do Livro, para quem uma leitura correta da Bíblia constituía preocupação vital, era a última das

---

<sup>4</sup> Chauncy, 1743 *apud* Hofstadter, 1967, p. 87.

heresias afirmar-se alguém possuído pelo espírito mas sem estudo nem instrução, pudesse interpretar a palavra de Deus com suficiente exatidão para se tornar agente da salvação dos outros.<sup>5</sup>

A visão conflituosa entre o clero e os pregadores revivalistas instaurava-se na medida em que gestos hostis acentuava a ruptura entre razão e emoção, como se viu “em certas regiões, onde desenvolveu-se um ‘anti-intelectualismo’, que provocou até queima de livros”.<sup>6</sup> A postura de oposição ao clero intelectualizado pode ser exemplificada nas palavras expostas pela associação de ministros revivalistas:

Todo Irmão por Deus capacitado tem direito de pregar na medida da sua fé, e a qualidade essencial para pregar é forjada pelo Espírito de Deus; o conhecimento das línguas e das ciências profanas não é absolutamente necessário; todavia é conveniente e poderá sem dúvida ser proveitoso se utilizado corretamente, mas tomado para suprir a carência de inspiração divina, transforma-se numa armadilha para aquele que o utiliza e para todos que o seguem.<sup>7</sup>

É importante salientar que, ao perceber a objeção dos pregadores leigos ao clero, não se deve apressadamente concluir que a onda avivalista foi um movimento de oposição radical a qualquer forma de instrução. Hofstadter (1967, p.90ss) observa que o “objetivo do Despertar era subordinar a educação à sua facção religiosa e consolidar a tradição do controle sectário sobre as escolas. O que os ardentes evangelistas queriam não era criar centros de instrução, mas ter seus próprios instrumentos de educação”. O que se denota da posição dos primeiros líderes do Despertar como, Edwards e Whitefield, era mais acentuar as questões, devocional e prática religiosa, aparentemente esquecida, do que desmerecer as instituições de

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 87.

<sup>6</sup> CAMPO, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). Na força do espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 81.

<sup>7</sup> Labaree, 1944 *apud* Hofstadter, 1967, p. 88.

ensino<sup>8</sup>. A intenção principal dos revivalistas não era “desacreditar o intelecto e a instrução, se assim o faziam, era somente para servir ao objetivo fundamental que era revivificar a religião e conduzir almas para Deus”.

Os anos que sucederam o grande Despertar foram marcados por uma intensa revolução política. A chamada “Era Revolucionária”, ocorrida no século 18 representou a independência dos Estados Unidos, até então, colônias da Inglaterra. Essa ruptura se deu num cenário de tensões e conflitos e afetou sensivelmente as igrejas norte-americanas. Segundo Nañez<sup>9</sup>, “até mesmo as igrejas renovadas do Primeiro Grande Despertamento da Nova Inglaterra foram severamente afetadas pelas mudanças da revolução americana”. Isto ocorreu, em parte, devido ao “fato de que muitos pastores locais eram convocados ao serviço militar, deixando suas congregações sem um ministro disciplinado e erudito”. Acrescente-se ainda, “um grande número de ministros diplomados em Oxford ou Cambridge abandonava o país para voltar à Inglaterra, em oposição à revolta da América”. Como consequência, “o coração do clero erudito na América sofreu um ataque intelectual que o deixou mutilado e sem rumo, a caminho de um golpe mortal e fulminante”.

## 2 O SEGUNDO DESPERTAMENTO NORTE-AMERICANO

Em razão dos grandes acontecimentos políticos e militares a atenção dos americanos desviou-se dos assuntos religiosos, e gradativamente viram-se os efeitos do Grande Despertar esvair-se. Nesse cenário ascendeu outro movimento de renovação religiosa, que se tornou conhecido como o Segundo Despertamento. Matos<sup>10</sup>, ao traçar um paralelo entre a primeira

---

<sup>8</sup> Edwards atacou certa vez Harvard e Yale por não serem “viveiros da devoção” e por se esforçarem mais em “ensinar aos estudantes o saber humanístico” do que em educá-los sobre religião (Works, 1830 *apud* Hofstadter, 1967, p. 90).

<sup>9</sup> NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente*. São Paulo: Vida. 2007. p. 150.

<sup>10</sup> MATOS, Alderi Souza de. *A caminhada cristã na história: a bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje*. Viçosa, MG: Ultimato, 2005. p. 134.

e segunda onda avivalista, destaca três diferenças, conforme visto na tabela ilustrativa:

	<b>GRANDE DESPERTAR</b>	<b>SEGUNDO DESPERTAMENTO</b>
<b>Participação majoritária</b>	Presbiterianos e congregacionais.	Alcançou todas as denominações, em destaque, os batistas e metodistas.
<b>Ordem geográfica e social</b>	Ocorreu em áreas urbanas, próximas ao litoral.	Deu-se nas regiões de “fronteiras”, áreas rurais com povoados nômades e marcadas pela instabilidade social.
<b>Ordem teológica</b>	O primeiro fundamentou-se numa teologia calvinista. <sup>11</sup>	Teve nítida influência arminiana <sup>12</sup> , salientando a capacidade de escolha e decisão do ser humano.

Um fator comum entre as duas ondas avivalistas foi uma postura anti-intelectualista. Na verdade, ao verificar os desdobramentos e práticas dos principais atores do Segundo Despertamento, percebe-se uma intensificação dos discursos de rejeição à formação teológica. Estes discursos podem ser exemplificados na trajetória de importantes personagens como Peter Cartwright, Charles Finney e Dwight L. Moody.

Se o destaque inicial do metodismo no contexto norte-americano atribui-se a Wesley e Asbury, credita-se a Cartwright o crescimento verti-

<sup>11</sup> Diz-se de “teologia calvinista” a influência dos escritos de João Calvino, que dentre outras ideias, destacou a incapacidade do ser humano de tomar decisões moralmente corretas. Os maiores defensores dessa teologia no Grande Despertar foram Edwards e Whitefield.

<sup>12</sup> A “teologia arminiana” fundamenta-se nas ideias de Jacob Armínio, que, em contrapartida ao pensamento calvinista, acreditava na capacidade de escolha do ser humano, mediante ação da graça divina.

ginoso do movimento<sup>13</sup>. Este avivalista, utilizando-se de uma mensagem conversionista e disposição à pregação itinerante, viu na erudição acadêmica um obstáculo à tarefa urgente de evangelização aos povos.

A posição anti-intelectualista de Cartwright pode ser vista claramente na sua autobiografia, citada por Nañez (2007, p.168ss), onde constam críticas repetidamente ao “treinamento teológico, os seminários, a aprendizagem nos livros e os pregadores que falavam o inglês correto”. Na visão do avivalista, as denominações que enfatizaram o treinamento teológico dos seus ministros, não obtiveram sucesso. Ao criticar os pastores por pregarem sermões elaborados e estudarem teologia sistematicamente, Cartwright exaltava a “atuação de Deus por meio de pastores sem formação acadêmica e sem livros”. Esta posição é ilustrada pelas palavras do próprio avivalista:

Suponhamos, agora, que Mr. Wesley fôsse obrigado a esperar por um bando de pregadores literária e teologicamente preparados antes de ensinar seu glorioso trabalho. Nesse caso, que seria hoje o metodismo em usa região?... Se o Bispo Asbury tivesse esperado por êsse seleta bando de pregadores literários, o ateísmo teria varrido os Estados Unidos de um extremo ao outro...

Os presbiterianos e outros ramos calvinistas da Igreja costumavam lutar por um ministério instruído, por genuflexórios, por música instrumental, por um ministério congregacional ou assalariado. Os metodistas, em sua totalidade opunham-se a essas idéias; no entanto os iletrados pregadores metodistas incendiaram o mundo (o mundo americano, pelo menos) enquanto os outros acendiam seus fósforos!...

Não desejo subestimar a educação, mas sinceramente tenho visto tantos dêsses pregadores instruídos que forçosamente me lembravam uma alface crescendo à sombra de um pessegueiro, ou um gansinho que se vangloria de nadar no orvalho, que dela me

---

<sup>13</sup> O período que envolve a atuação ministerial de Cartwright, o movimento metodista cresceu de 65.000 para dois milhões de adeptos (Marshall & Manuel, 1986 *apud* Nañez, 2007, p.167).

afasto desanimado e aborrecido. Hoje êsse ministério instruído e essa preparação teológica não são mais experiências. Outras denominações os experimentaram e êles demonstraram ser um completo fracasso...

Estou terrivelmente preocupado por nosso amado metodismo. Multiplicai colégios, universidades, seminários e academias; multiplicai nossas associações e editôras e preenchei êsses lugares com nossos melhores e mais eficientes pregadores e estareis fixando o ministério e secularizando-o.<sup>14</sup>

Na visão de Cartwright, os metodistas que buscavam uma educação formal, estavam “imitando o mundo”. Utilizando seu próprio exemplo, o famoso pregador fez a seguinte observação: “Quando Deus removeu a venda dos meus olhos, este pecador pôde ir imediatamente pregar, sem qualquer treinamento teológico”<sup>15</sup>. A posição negativa de Cartwright sobre os seminários e a educação formal se tornou conhecida por milhões de cristãos e influenciou os movimentos posteriores, como, por exemplo, o pentecostalismo.

Outro importante pregador da segunda onda avivalista que reforçou a posição anti-intelectualista foi Charles Finney. Formado em Direito e dotado de uma excelente oratória, tornou-se conhecido em suas campanhas de reavivamento durante a década de 1830. Apesar de Finney ter levado a influência da sua formação em Direito aos púlpitos, que segundo Hofstadter (1967, p.127), trata-se de “um traço do velho aprêço puritano pela racionalidade e pelo convencimento”; ter participado de espaços acadêmicos<sup>16</sup>, sua postura foi de objeção aos clérigos eruditos. É razoável pensar que as ideias de Finney pautavam-se numa lógica pragmática. Embora não “admirava a ignorância dos pregadores, mas admirava os *resultados* na conquista-de-alma, não importa de que modo conseguida”.

---

<sup>14</sup> Wallis, 1956 *apud* Hofstadter, 1967, p. 127.

<sup>15</sup> Cartwright, 1856 *apud* Nañez, 2007, p. 169.

<sup>16</sup> Finney foi educador e reitor da faculdade de Oberlin (Cairns, 2008, p. 457).

Um traço comum entre Finney e Cartwright era sua crítica aos sermões escritos. Nañez, retratando a obra do próprio Finney (*Revival of Religion*), confirma a posição do avivalista: “A experiência de cada ano amadureceu uma convicção em minha mente de que o homem que escreve menos pode, se lhe agrada, pensar mais”.<sup>17</sup> Finney também esboçou dura crítica aos alunos dos colégios do leste, salientando a ineficácia de estudos acadêmicos que não habilitam o erudito a “ganhar almas”. Segundo o avivalista, ao formarem-se, tais “instruídos estudantes saberiam perfeitamente *hic haec, hoc* e ririam do humilde cristão e chamariam-no de ignorante, embora êle fosse capaz de ganhar mais almas do que quinhentos dêles juntos”.<sup>18</sup>

O legado de Finney e a repercussão de suas ideias no movimento pentecostal são constatados, ao ponto do próprio ter sido considerado “a segunda influência mais importante no início da fé pentecostal clássica”.<sup>19</sup> A sua visão pragmática quanto à utilização de métodos variados que visasse o convencimento das pessoas à fé cristã, tornou-se um elemento de apoio a suspeição dos primeiros pentecostais quanto à importância da formação acadêmica. Araújo (2007, p. 576) observa que em 1905 a autobiografia de Finney teve “grande importância no desenvolvimento espiritual” de Lewis Pethrus, o líder maior da igreja em Estocolmo que, durante décadas dirigiu as missões suecas na Assembleia de Deus brasileira.

Um terceiro importante ator da segunda onda avivalistas foi Dwight L. Moody. Embora este avivalista tenha fundado um centro de treinamento para pastores (Moody Bible Institute), à semelhança dos seus antecessores, manteve um discurso anti-intelectualista. Certa ocasião Moody dirigiu um conselho aqueles que se preocupavam com passagens difíceis da Bíblia:

---

<sup>17</sup> Finney, 1978 *apud* Nañez, 2007, p. 171.

<sup>18</sup> McLoughlin, 1959 *apud* Hofstadter, 1967, p. 118.

<sup>19</sup> Lovett, 1975 *apud* Nañez, 2007, p. 183.

“Olhem bem para elas e siga em frente, [porque] a Bíblia não foi feita para ser entendida”.<sup>20</sup> Talvez o exemplo de Moody possa ilustrar o que normalmente ocorre com respeito às missões norte-americanas. O fato de missionários americanos terem estabelecido instituições de ensino teológico formal nos países estrangeiros, deixam uma impressão imediata de interesse e defesa da erudição acadêmica. Esta impressão nem sempre se confirma após uma observação detalhada.

Nañez (2007, p. 177ss), ao perceber o detalhe contrastante em Moody, que, se de um lado incentiva instituições de formação bíblico-teológica, do outro direciona um discurso de objeção à intelectualidade; aponta algumas observações: em primeiro lugar, “a simples fundação de um instituto de ensino nada diz de conteúdo, objetivo ou metodologia de seus programas”. É possível criar todo um trabalho de divulgação em torno de uma instituição educacional, assegurando excelência na qualidade dos serviços, quando na verdade a mesma não oferece aquilo que se propõe em *marketings*.

Em segundo, “alguém pode estabelecer um excelente centro de treinamento para preparar pastores e não necessariamente oferecer uma educação excelente e ampla”. Nesta observação o autor exemplifica uma “escola tecnicista”, que pode ter uma ênfase no aspecto prático de uma determinada ciência, mas dar pouca importância às questões teóricas. Este é caso de centros de ensino teológico voltados exclusivamente ao preparo de missionários e pregadores. São instituições que salientam a realidade eclesial como referência para o estabelecimento de objetivos e conteúdos, não atribuindo tanto valor as reflexões aprofundadas e complexas. Tais reflexões, em certos casos, vistas até com suspeitas por supostamente distanciar o egresso da comunidade de fé.

---

<sup>20</sup> Pollock, 1966 *apud* Nañez, 2007, p. 176.

Em terceiro, “o fato de alguém fundar uma escola não indica necessariamente seus pensamentos sobre a relação fê e razão, educação liberal e cristianismo ou teologia e ministério prático”. Neste tópico, Nañez cita o exemplo de um importante pregador norte-americano, Jimmy Swaggart, que fundou o *Bible College and Sminary* com capacidade para 1.500 alunos. Este pregador, embora tenha criticado duramente o conhecimento racional, posicionando-se contra os católicos, a psicologia e crítica bíblica, “liberou seus estudantes da capela para voltarem às classes a fim de estudar os pais da Igreja, psicologia e crítica bíblica”.

Por fim, em quarto lugar, “o simples fato de grandes mulheres e homens de Deus fazerem declarações antiintelectuais não significa que sejam igualmente preconceituosos em relação a todos os elementos que compõem a vida intelectual”. Nañez salienta que “praticamente todo pentecostal que fala contra a futilidade ‘do conhecimento intelectual’ envia seus filhos diariamente à escola, durante doze anos, em busca de conhecimento intelectual”. Vale destacar que, para tal afirmação, o autor não tem como referência o contexto brasileiro.<sup>21</sup>

Outro aspecto, segundo Hofstadter (1967, p.152ss), que se soma a postura anti-intelectualista de Moody foi o gradual conflito entre um tipo de cristianismo conservador, que lançou as bases do fundamentalismo<sup>22</sup>, e outra parcela de cristãos afetados pelo criticismo moderno, adeptos do evangelho social. Ao poucos se percebeu que as constantes baixas do cris-

---

<sup>21</sup> Quando falamos de anti-intelectualismo na Assembleia de Deus brasileira, devemos ter como referência a educação brasileira com suas peculiaridades. Por exemplo, se pensarmos num pentecostal de classe baixa da década de 1920, possivelmente não teve oportunidades de educação básica como outro pentecostal da mesma classe social terá na década de 2010.

<sup>22</sup> Em termos gerais, fundamentalismo religioso é um movimento caracterizado “pela afirmação da existência de um livro sagrado e pela determinação dos modos de relação do crente com o mesmo” (Cordeiro, 2009, p.8). Em termos específicos, o fundamentalismo norte-americano, trata-se de um movimento teológico surgido no início do século 20, em reação a teologia liberal e ao pensamento moderno (Olson, 2001, p.569).

tianismo ortodoxo sofridas pelo modernismo, resultaram, já no final do século 19, na perda de influência e respeitabilidade dos fundamentalistas.<sup>23</sup> Com isso, surgiu “um estilo religioso forjado pelo desejo de se voltar contra tudo que era moderno – a crítica erudita, o evolucionismo, o evangelho social e tôdas as formas de crítica racionalista”.

Nesse contexto referido, Moody emitiu opiniões, “semelhantes às daqueles mais tarde denominados fundamentalistas”, embora respeitasse e preferisse a relação cordial com os liberais. Para o avivalista, “a Bíblia é a palavra inspirada por Deus, nela nada existe que não seja sábio, nada que não seja bom e tôda tentativa de desacreditá-la é obra do Demônio”. Moody irritava-se ao “ouvir falar de linguagem figurativa e de significação simbólica”. Observa-se nesta posição uma ênfase no literalismo bíblico, elemento percebido no movimento fundamentalista do século 20 e que, de certo modo, foi utilizado a favor da posição anti-intelectualista de alguns pentecostais. Cordeiro (2009, p.11) salienta que “Moody é considerado o pai do Fundamentalismo americano, e seu Instituto se tornaria, [...] um baluarte do cristianismo conservador”.

As ideias do fundamentalismo foram sustentações da visão anti-intelectualista no pentecostalismo. Segundo Corten<sup>24</sup>, “para o fundamentalista, o texto da Bíblia é a verdade na sua literalidade e na sua integridade (é a *inerrance*, literalmente que não erra) porque ele é revelado por Deus, porque portanto ele é a voz de Deus”. Observa-se a partir disto que, mediante a sacralidade do texto literal, os versículos que supostamente respaldam a postura anti-intelectual, conferem a esta postura, legitimidade bíblica.

---

<sup>23</sup> Hofstadter cita “fundamentalistas” sem se referir ao movimento norte-americano surgido no século 20.

<sup>24</sup> CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996. p.130.

Nañez (2007, p.62,76ss), analisa o uso de textos bíblicos, que lidos literalmente, são tomados no pentecostalismo como embasamento de uma postura anti-intelectual. Segundo o autor, “dois versículos são de 1Coríntios: o primeiro trata da futilidade da ‘sabedoria deste mundo’ (cap. 1); o segundo adverte que o ‘conhecimento traz orgulho’ (cap. 8). Um terceiro versículo [...] é o de 2Coríntios 3.6: ‘... pois a letra mata, mas o Espírito vivifica’”. Ainda outros livros bíblicos que servem para mesma fundamentação referem-se ao desempenho dos seguidores de Cristo no primeiro século da era cristã. Estes homens, vistos sem instrução, foram capazes de feitos admiráveis. Passagens a esse respeito são encontradas em Atos 4.13: “vendo a coragem de Pedro e de João, e percebendo que eram homens comuns e sem instrução, ficaram admirados e reconheceram que eles haviam estado com Jesus”. Outro texto refere-se a uma suposta fala de Jesus reproduzida por Mateus 11.25, em alusão aos seus seguidores: “Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondestes estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos”. O último texto destacado por Nañez é visto em 1 João 2.27: “Quanto a vocês, a unção que receberam dele permanece em vocês, e não precisam que alguém os ensine; mas, como a unção dele recebida, que é verdadeira e não falsa, os ensina acerca de todas as coisas, permaneçam nele como ele os ensinou”.

Passos<sup>25</sup>, ao considerar o uso da Bíblia pelos pentecostais, destaca que para este grupo,

[o] texto tem uma função mais prática que teórica, como uma porta de livre acesso à graça de Deus e não uma referência escrita de uma experiência do passado que exige interpretação para ser compreendida e explicada. É fundamental, portanto, que o texto seja conservado na sua literalidade para que possa exercer tal função. O estudo pode fechar a porta de acesso ao distinguir as temporalidades de ontem e de hoje com o auxílio do estudo da história e da cultura, da língua e do gênero literário da época em que o texto foi escrito.

---

<sup>25</sup> PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 34.

### 3 O ANTI-INTELETUALISMO E OS PRIMEIROS PENTECOSTAIS

Ao findar o século 19, mediante o impacto e repercussão das ondas avivalistas, as bases estavam lançadas para o movimento pentecostal. Os traços de desconfiança quanto à formação teológica conhecidos nos séculos 18 e 19 foram integrados às práticas do pentecostalismo norte-americano no início do século 20. Esta informação pode ser comprovada na trajetória dos dois líderes mais importantes do movimento, Charles Parham e William Seymour.

O marco inicial do pentecostalismo situa-se em 1901, na cidade de Topeka no Kansas, numa escola bíblica (Bethel Bible College) liderada por Charles Fox Parham. Embora o começo da fé pentecostal tenha ocorrido num espaço de treinamento teológico, não se deve pressupor o interesse imediato pela erudição. Parham, à semelhança dos líderes avivalistas, expressou forte discurso anti-intelectualista. Este líder, segundo Nañez (2007, p.102), “tinha tendência de contrapor o que considerava ‘a educação pelo Espírito’ ao estudo formal, o intuitivo ao racional e a interpretação particular à hermenêutica ortodoxa bíblica”.

A Escola Bíblica Betel oferecia uma abordagem de educação, baseada exclusivamente em leituras da Bíblia e comentários pessoais de Parham sobre algumas passagens bíblicas. Esta abordagem refletia a noção de que somente os textos sagrados devem ser priorizados numa formação pastoral adequada. A visão de Parham reflete bem as influências recebidas de Frank Sandford, líder da “Escola bíblica, o Espírito Santo e nós” e quem acreditava que a xenolalia ou xenoglossia<sup>26</sup> era o grande sinal de Deus para igreja nos últimos tempos. A partir dessa visão, Parham passou a considerar a experiência da glossolalia como evidência inconfundível de que Deus estava capacitando sua geração para levar a mensagem do evangelho a

---

<sup>26</sup> Do grego [**xenom** = *estranho, estrangeiro* + **glossa** = *língua*]. Ideia de que uma pessoa seria capaz de falar idiomas que nunca aprendeu.

outros povos. Esta ideia fez Parham ter uma visão pragmática do treinamento bíblico-teológico. Em razão do dom de língua ser uma preparação do missionário a pregar na língua de qualquer ouvinte, não havia necessidade de estudar línguas estrangeiras.

As ideias e influencia de Parham alcançou aquele que se tornaria o mais conhecido líder Pentecostal, William Seymour. Este se matriculou na escola inaugurada por Parham na cidade de Houston, e foi por meio do seu mestre que conheceu a doutrina do batismo pelo Espírito Santo. A expansão do pentecostalismo sob a liderança de Seymour partiu de um local que se tornou conhecido mundialmente, a Rua Azusa Street.

A posição anti-intelectualista de Seymour pode ser ilustrada pelas suas palavras proferidas no primeiro número do jornal Fé Apostólica, criado pelo próprio líder pentecostal. Segundo Nañez (2007, p.108), nos conteúdos encontrados no periódico,

Seymour relata então a história de um jovem que havia recebido há pouco o derramamento do Espírito Santo e começou a escrever em línguas estrangeiras que “*nunca havia estudado*”, e que “o Senhor concedeu línguas para os *sem instrução acadêmica*, como grego, latim e hebraico”; e ainda: “não sejam confundidos pela *teorização*, mas permaneçam em Jerusalém [...]. Ele revelará toda a Palavra, de Gênesis a Apocalipse”.

O jornal Fé Apostólica tornou-se um veículo de divulgação da experiência pentecostal, enviado mensalmente a mais de 80.000 residências. Pode-se imaginar o impacto social que esse movimento causou. O ambiente na Rua Azusa proporcionado pelo Espírito atraiu pessoas de diversos níveis, especialmente, negros, mulheres e imigrantes. De repente, pobres vitimados pela exclusão social, tendo seus direitos e dignidade negados, agora podiam ocupar lugares de destaque e ter uma “voz”. Cabe nesse ponto, a leitura sociológica de Emile Willems apontada por Campos<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2002.

(2002). Willems ao apontar o pentecostalismo latino-americano como forma de resposta a anomia social observa que, em virtude da expropriação dos pobres provocada pelas estruturas de dominação, a experiência pentecostal cria uma “sociedade compensatória de benefícios sociais e econômicos não recebidos”.<sup>28</sup>

Ao criar-se a ideia de que Deus capacita pessoas sem preparo intelectual, foi-se negando a importância de qualquer recurso que parecesse substituir a “ação do Espírito”. Isto teve ampla repercussão nos trabalhos da Azusa. Nañez (2007, p.110) observa que,

[...] seja lidando com o estudo pessoal, seja na pregação de sermões, em missões ou na música, não é difícil determinar que nos primeiros dias do nosso movimento as informações cerebrais e as disciplinas intelectuais da vida espiritual eram, na melhor das hipóteses, impedias e muitas vezes denegridas.

Parece provável que a postura de rejeição à formação acadêmica nas origens do pentecostalismo norte-americano tenha repercussão na experiência pentecostal de outros contextos. Isto pode não ocorrer necessariamente por uma influência direta, numa relação de causalidade, mas, pelo fato de haver uma correspondência de elementos comuns entre o pentecostalismo nascido nos Estados Unidos e o de outros países.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do Cristianismo é constituída por diversos movimentos de reações entusiásticas a rigidez da instituição cristã burocratizada. De certo modo, todo movimento que se inicia com a explosão do carisma (sentido weberiano), tende a racionalizar-se, e conseqüentemente, gera novamente um curso de carismatização. Parafraseando Libanio (2006,

---

<sup>28</sup> Willems, 1967 *apud* Campos, 2002, p. 37ss.

p.108), a pura instituição não resiste permanentemente. Só o carisma é invencível.

Ao falar das polaridades, razão e emoção, como ênfases nos grupos religiosos que se contrapõem, protestantes históricos e pentecostalismo, Passos (2005, p.19) observa que,

O cristianismo parece bifurcar em duas grandes vertentes, sendo que cada uma agrega, sob o mesmo paradigma, grupos antes distintos e antagônicos: os cristãos históricos, que se compreendem e se organizam numa referência hermenêutica racionalizada, e os cristãos pentecostais, fundados numa relação mítica com suas origens. Essa distinção possibilita formular uma tipologia dual de cristianismo: um tipo de cristianismo-*logos* e outro de cristianismo-*mithos*.

O estudo do pentecostalismo deve levar em conta os movimentos antecedentes que reagiram à rigidez teológica do escolasticismo protestante. É possível perceber numa linha tempo a influencia dos tais movimentos na experiência pentecostal no início do século 20 nos Estados Unidos. Essa influência se mostrou, principalmente, numa rejeição ao preparo acadêmico dos líderes pentecostais. Apesar do marco histórico da origem do pentecostalismo ser atribuído a Escola Bíblica de Topeka, sob a direção de Charles Parham, esta era uma organização “onde se mistu-ravam a prática da cura divina, assistência espiritual e material a pessoas pobres com o treinamento para jovens que desejavam ingressar nas atividades missionárias” (Campos, 2005, p.108).

A presença do anti-intelectualismo nas origens do pentecostalismo ganhou certo extremismo a ponto de líderes avivalistas promoverem campanhas contra livros e as instituições de ensino. A herança dessa postura de aversão a erudição teológica foi claramente percebida no Movimento Pentecostal surgido no início do século XX, inicialmente nos Estados Unidos, posteriormente em vários países do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro, CPAD, 2007.
- CAIRNS, Earle Edwin. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal/CLAI, 2002.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: Observações sobre uma relação ainda pouco avaliada*. Revista USP, São Paulo, n.67, 2005. p. 100-115.
- \_\_\_\_\_. GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). *Na força do Espírito – os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas*. São Paulo: Pendão Real, 1996.
- CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*, Trad. Mariana Nunel Ribeiro Echalar, Petrópolis: Vozes, 1996.
- CURRIS, Henneth A.; LANG, Stephen J.; PETERSEN, Randy. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China*. São Paulo: Vida, 2003.
- FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 70.
- \_\_\_\_\_. *Pentecostalismo, Seminário UNIPOP*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1996.
- HOFSTADTER, Richard. *Antiintelectualismo nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- LEITH, John H. *A Tradição Reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1997.
- LIBANIO, J.B. *Qual o futuro do cristianismo?* São Paulo: Paulus, 2006.
- MATOS, Alderi Souza de. *A caminhada cristã na história: a bíblia, a igreja e a sociedade ontem e hoje*. Viçosa, MG: Ultimato, 2005.
- MENDONÇA. Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *A experiência religiosa e a institucionalização da religião*. Estud. av. vol.18 no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004

\_\_\_\_\_. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*; (Org.). Leonildo Silveira Campos. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

NAÑEZ, Rick. *Pentecostal de coração e mente*. São Paulo: Vida, 2007.

OLSON, Roger E. *História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas*. São Paulo: Vida, 2001.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SEYMOUR, William. *O Avivamento da Rua Azuza Devocional: O início da obra Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. (Col Clássicos Movimentos Pentecostal).

SILVA, Geoval Jacinto da. *Educação Teológica e Pietismo: A influencia na formação pastoral no Brasil, 1930-1980*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Editeo, 2010.

WALKER, Williston. *História da igreja cristã*. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1983.